BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
Escola de Administração de
Empresas de São Paulo

PERIÓDICOS

AGROANALYSIS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

VOL. 2 – N.° 7

17 DE ABRIL DE 1978

67
30,00
2010 00

GOMES FREIRE
16.IV.78
DR-RIO

BRASIL CORREIO
00,70
10416

0000000238
BIBLIOTECA KARL A BOEDECKER
ESCOLA DE ADM DE EMPRESAS FGV
ATT TANIA RODRIGUES MENDES
AV 9 DE JULHO 2029 10 ANDAR
SAO PAULO SP

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

AGROANALYSIS é uma publicação do Grupo de Informação Agrícola (GIA) dedicada à análise e previsão dos mercados agropecuários, cuja periodicidade é quinzenal de fevereiro a agosto, e mensal de setembro a janeiro.

COORDENADOR — Paulo Rabello de Castro

QUADRO TÉCNICO E ÁREAS DE INTERESSE

Abastecimento, Tributação, Infraestrutura Rural	—	Ailton Coentro Filho
Insumos Modernos, Meteorologia	—	Bruno M. Rangel Pessanha
Economia Internacional, Feijão	—	Roberto Moreno Moreira
Situação Fundiária e Trabalhista, Política Nacional	—	José Marcos Lemos Fochi
Moeda e Crédito, Cana-de-Açúcar, Mandioca	—	Moema Unis Benevides
Arroz, Café, Fumo	—	Regis N. Cunha Alimandro
Pecuária Bovina	—	Antonio R. Marques Gonçalves
Oleaginosas, Trigo, Metais	—	Fernando R. Freitas Almeida
Serviço de Informações Básicas	—	Francisco A. Fonseca Menezes
Fibras, Processamento Agroindustrial e Agrocomercial	—	Inês Teresa Lyra
Cacau, Fruticultura, Horticultura	—	Itazil F. Benício dos Santos
Milho, Rações, Animais de Pequeno Porte	—	Ivan Wedekin

QUADRO DE APOIO

Documentação	—	Maria Eunice Rocha
Secretaria	—	Maria Dolores G. Fernandez
	—	Maria Beatriz R. Fernandes
	—	Maria do Carmo M. Gomory
	—	Desirée Virgínia Machado
	—	Jorge Martins dos Santos

Agroanalysis. v.1 – ,n.1 – , 1977 –
Rio de Janeiro, Grupo de Informação Agrícola
v. ilust. 30cm Quinzenal (fev. a ago.)
Mensal (set. a jan.)

1. Agricultura – Periódicos. I. Grupo de Informação Agrícola

CDU 631(05)

Grupo de Informação Agrícola
Av. Gomes Freire, 647 – 10º – ZC-58
Fones: 232-5001, 232-6827, 232-8678 e 232-2548
Telex: 212-3840 FGVE BR
20.000 – Rio de Janeiro – RJ
BRASIL

AGROANALYSIS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

vol. 2 nº 7

17 de abril de 1978

ÍNDICE

PANORAMA AGROPECUÁRIO

Preços no Mercado Externo	pág. 2
Preços no Mercado Interno	pág. 4
Preços Relativos	pág. 6
Fatores de Produção	pág. 8

COMENTÁRIOS

Café	pág.10
Açúcar	pág.10
Trigo	pág.11
Milho	pág.13
Soja	pág.14
Pecuária	pág.15

NOTA DE EDIÇÃO

O problema de equalização dos custos industriais de produção das empresas locais, produtoras de fertilizantes fosfatados, não foi solucionado a contento pelas medidas correlatas ao contingenciamento da importação de rocha fosfática. A sugestão de subsidiar o frete da matéria-prima, feita por órgão de classe, como alternativa para obter aquela equalização, é um dos pontos abordados em FATORES DE PRODUÇÃO. Ainda sobre o setor, alguns dados de mercado também são apresentados.

As desencontradas estimativas da quebra da safra brasileira de soja prejudicam a credibilidade dos órgãos nacionais responsáveis por aquelas previsões. No mercado internacional, o comportamento dos preços do milho nos próximos meses resultará, em grande parte, da evolução do plantio do cereal nos EUA. Dois fatores contribuem para uma possível redução de sua área plantada: problemas de chuva nas regiões produtoras e o preço relativo soja/milho (ver PREÇOS RELATIVOS E COMENTÁRIOS).

O boicote promovido pelos países centro-americanos produtores de café é, entre outros aspectos, fator contribuinte para a delineação do atual quadro do mercado internacional do produto. As sugestões da ITC, de impor restrições às importações americanas de açúcar constituirão, se adotadas, novo fator baixista do preço naquele mercado, além de configurar mais um entrave à possibilidade de vigência efetiva do acordo internacional.

Com relação ao mercado interno, o reajuste do preço do leite, a nível de produtor e beneficiador, revela-se insatisfatório, o que poderá resultar em problemas de abastecimento (ver COMENTÁRIOS).

Finalmente, a indefinição do preço mínimo do trigo, no momento em que algumas regiões produtoras já iniciaram o plantio, coloca dúvidas quanto à determinação do governo em prosseguir na política de tentar a auto-suficiência.

Agroanalysis	*Rio de Janeiro*	*v.2*	*n.7*	*pág. 1 a 16*	*abr. 78*

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

Panorama Agropecuário

GUIA DE LEITURA
Sugere-se que a leitura obedeça a seguinte ordem:
1º – Posição da última quinzena
2º – Comparação percentual com o passado (Posição de um ano antes e Posição de um mês antes)
3º – Comportamento dos futuros
4º – Perspectivas dos próximos 30 dias com seus respectivos fatores ponderáveis.

ATÉ: 10/4/78

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição nominal um mês antes	Posição da última quinzena	Posição real dos futuros 78 mai 78 jul 78 set 78 nov 79 jan 79 mar 79 mai	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
AÇÚCAR RAW MERC.-N.YORK US ¢/lb-peso Fontes: Reuters, Fut.Mark.Services	+21%	+15%	US¢ 7,93 (mai)	+3% +13%	↘	. Recomendação da ITC pode ocasionar medidas restritivas à importação norte-americana. §§ Ver Comentários
ALGODÃO 1-1/16"M-Memphis MERC.-N.YORK US¢/lb-peso Fontes: Reuters, CottonWorldStat.	+48%	-4%	US¢ 55,31	+2% +7%	→	. Redução da produtividade esperada no Texas. . Aumento da *loan rate* de US¢ 44 para US¢ 48/lb. . *Set-aside* de 10% não deve influir no mercado imediatamente.
CACAU BAHIA MERC.-N.YORK US ¢/lb-peso Fontes: Reuters, Fut.Mark.Services	+19%	-23%	US¢ 163,09 (mai)	-4% -16%	→	. Redução da atividade de comercialização devido à entressafra mundial refletir-se-á sobre as cotações.
CAFÉ SANTOS MERC. - N.YORK US ¢/lb-peso Fontes: Reuters, Fut.Mark.Services	+88%	-1%	US¢ 168,21 (mai)	-13% -32%	→	. Expectativa de volta ao mercado dos Países Centro-Americanos. . Política de apoio a produtores brasileiros. §§ Ver Comentários

* Valores deflacionados pelo IPA norte-americano, do INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS – FMI; para os preços futuros, usa-se a média ponderada dos deflatores dos últimos três anos.

NOTA: Cotações no disponível de açúcar, cacau e café suspensas. Considera-se, então, o futuro 1ª entrega.

Panorama Agropecuário

PREÇOS NO MERCADO EXTERNO

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudança, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição nominal um mês antes	Posição da última quinzena	Posição real dos futuros 78 mai	78 jul	78 set	78 nov	79 jan	79 mar	79 mai	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
MILHO TWO YELLOW MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	+8%	-12%	US¢ 246,28	+3%						+3%	↗	. Aumento da demanda internacional por *commodities* face a desvalorização do dólar. . Acompanhando desenvolvimento do mercado de soja. . Atraso no plantio norte-americano. **§§ Ver Comentários**
SOJA - GRÃO ONE YELLOW MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	+30%	-17%	US¢ 671,63	+3%	+2%	-7%	-11%				↗	. Definição da safra brasileira pode contrariar estimativa da Cacex. **§§ Ver Comentários**
SOJA FARELO MERC. – CHICAGO US$/T. Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	+41%	-12%	US$ 177,25	+1%	-8%						→	. Alta depende da definição da oferta brasileira.
TRIGO SOFT RED MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	-4%	-9%	US¢ 290,47	+6%						+8%	↗	. Enfraquecimento do dólar. . Possíveis compras chinesas. **§§ Ver Comentários**

* Valores deflacionados pelo IPA norte-americano, do INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS – FMI; para os preços futuros, usa-se a média ponderada dos deflatores dos últimos três anos.

Panorama Agropecuário

GUIA DE LEITURA
Sugere-se que a leitura obedeça a seguinte ordem:
1º – Posição da última quinzena
2º – Comparação percentual com o passado (Posição de um ano antes e Posição de um mês antes)
3º – Perspectivas dos próximos 30 dias com seus respectivos fatores ponderáveis.

ATÉ: 10/4/78

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição real* um mês antes	Posição da última quinzena	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
ALGODÃO Tipo 5–Sul do BR MERC. – SP Cr$/15 kg Fonte: Bolsa de Mercadorias de SP	+15%	-14%	Cr$ 353,67	➡	.Possibilidade de *draw-back* para as indústrias.
ARROZ Amarelão-Est. Cen. MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	-26%	-4%	Cr$ 418,89	➡	.Presença de nova safra. .Ação da CFP abastecendo o mercado.
CAFÉ Tipo 7/8 MERC. – RJ Cr$/sc 60 kg Fonte: Cent. do Com. de Café do RJ	+121%	+6%	Cr$ 2.000,00	➡	.Preço se acomoda face à definição das concessões do governo. **§§ Ver Comentários**
BOI GORDO – MERC. – Pres. Wenc. Cr$/arroba Fonte: IEA–SP	-15%	0%	Cr$ 285,00	➡	.Sem alteração. **§§ Ver Comentários**

*** Valores deflacionados pelo IGP, col. 2, CONJUNTURA ECONÔMICA – FGV**

Panorama Agropecuário

PREÇOS NO MERCADO INTERNO

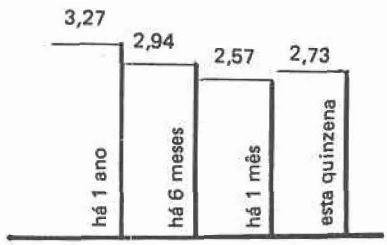
As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudança, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição real* um mês antes	Posição da última quinzena	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
FEIJÃO Preto Comum MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	+30%	+3%	Cr$ 370,00	↗	. Estoques oficiais esgotados no atacado. . Reajuste da tabela CIP-Sunab (Cr$ 8,30/kg) insuficiente frente ao preço de atacado no RJ.
FRANGO Abatido MERC. – SP Cr$/kg Fonte: APA	+8%	+1%	Cr$ 17,32	↘	. Impacto da importação de carne. . Proximidade do pico da safra de milho. . Possível liberação de estoque de milho da CFP na 2a. quinzena de abril.
MILHO Amarelo Semi-duro MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	-26%	-12%	Cr$ 126,83	→	. Tendência de alta detida pela proximidade do pico da safra. . Possível liberação do estoque da CFP proximamente. **§§ Ver Comentários**
SOJA-GRÃO Industrial MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	+20%	-14%	Cr$ 222,78	↗	. Forte demanda das indústrias no mercado interno.

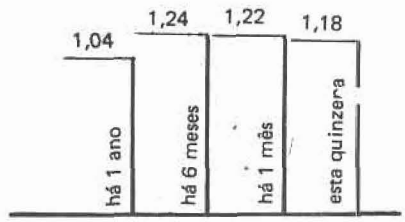
* Valores deflacionados pelo IGP, col. 2, CONJUNTURA ECONÔMICA – FGV

MERCADO EXTERNO

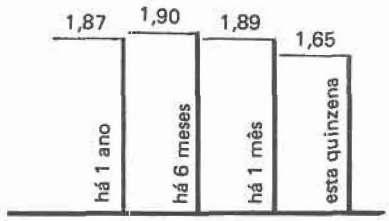
Soja
Milho



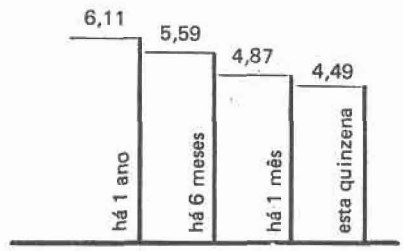
Trigo
Milho



Algodão
Soja



Algodão
Milho



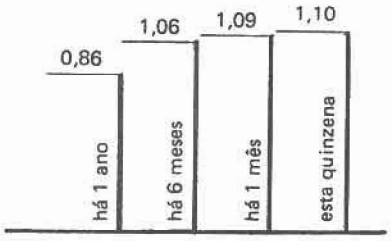
FONTES – Algodão: Reuters, Cotton World Statistics. Soja, Milho e Trigo: Reuters, Commodity Year Book.

NOTAS: Muito embora tenha declinado em relação à quinzena anterior e seja inferior em 16,5% à posição de um ano antes, o preço relativo soja/milho ainda se mantém superior a 2,50 – nível acima do qual cresce geralmente a possibilidade de expansão do plantio da soja, em detrimento da área de milho, nos EUA. *** Nesta quinzena, o crescimento menos que proporcional do preço do trigo em comparação ao do milho resultou em nova queda do preço relativo entre ambos. Essa relação vem declinando há seis meses, com queda de 5% nesse período. *** A relação de preços algodão/soja é um dos elementos para a tomada de decisão para o plantio. Assim é que o índice 2,0 aponta o patamar de indiferença entre plantar-se algodão ou soja, nos EUA. Nesta quinzena, esse indicador sofreu nova baixa, atingindo 1,65 (menor 12,7% que a posição ocupada há um mês). *** Por sua vez, a relação de preços algodão/milho mostra progressivo enfraquecimento em função, principalmente, de acentuada corrosão nas cotações da fibra, em face de seus elevados excedentes no mercado mundial. O preço relativo desta quinzena (4,49) é inferior, respectivamente, em 19,7% e 26,5% às posições de seis meses e um ano passados. ***

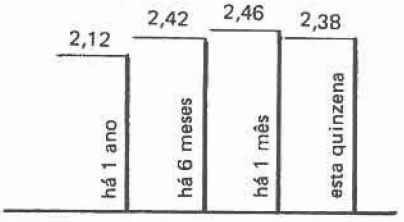
PREÇOS RELATIVOS

MERCADO INTERNO

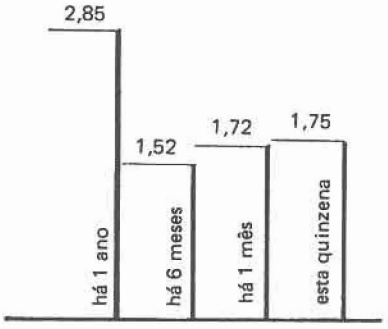
Boi Gordo / Frango Abatido



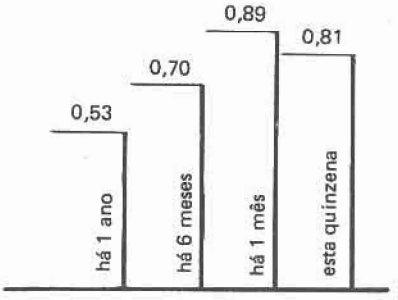
Frango Abatido / Ração Ave Corte



Soja / Milho



Feijão Preto / Feijão a Cores



FONTES – Boi Gordo: IEA-Sec. Agric. SP. Frango Abatido e Ração Ave Corte: IEA-Sec. Agric. SP e APA. Feijão Preto, Feijão a Cores, Soja e Milho: Bolsa de Cereais de SP.

NOTAS: Em comparação à última quinzena, o preço relativo boi gordo/frango abatido valorizou-se em 6,8%, pela queda nos preços do frango, enquanto os bovinos têm seus preços mantidos numa conjuntura de estabilidade. Nessa mesma época do ano passado, os preços do boi gordo encontravam-se achatados, em conseqüência de uma safra abundante. Desse quadro resulta o baixo índice (0,86) da posição de um ano antes. *** À medida que os preços do frango abatido se desvalorizavam, a elevação dos preços das matérias-primas propiciava o aumento dos preços das rações, configurando pressão na margem de lucro dos avicultores, embora em nível pouco inferior à desencadeada há um ano antes. *** A relação de preços soja/milho, após o forte incremento apresentado na quinzena anterior, reduziu-se em 2,8% em relação àquela posição. A comparação com o quadro configurado em idêntico período de 1977, quando o indicador era superior em 61,9% à marca atual, é explicada pelos bons preços praticados no mercado da leguminosa, enquanto o milho, abundante na época, era comercializado num teto real inferior em 26% aos preços atuais. *** Na Bolsa de Cereais de São Paulo, os preços do feijão preto e do feijão a cores, têm-se mantido praticamente constantes, consubstanciando comportamento similar na relação de seus preços. Ressalte-se, entretanto, a comparação com a situação experimentada há seis meses e um ano passados. ***

FERTILIZANTES

(colaboração da ANDA – Associação Nacional para Difusão de Adubos)

IMPORTAÇÃO

O balanço dos primeiros meses do ano, caracterizado normalmente pelo recesso de mercado interno, revela um volume menor de importação (-21%) de fertilizantes acabados (349 mil t) mais matéria-prima (326 mil t), comparativamente a igual período de 1977. Os principais produtos importados no período foram: fosfato natural: 160 mil t; ácido fosfórico: 126 mil t; cloreto de potássio: 140 mil t.

PRODUÇÃO

A região Centro produziu 30.210 t de nitrogenados em jan.-fev./78, expressos em termos de N e 79.377 t de fosfatados solúveis, expressos em P_2O_5, representando +24% e -14% respectivamente em relação a igual período de 1977.

ESTOQUES

Os estoques industriais, principalmente as matérias-primas básicas adquiridas no ano anterior, encontram-se em fase de esgotamento. As importações em maior volume deverão iniciar-se este mês.

ENTREGAS

O pequeno movimento de entrega ao consumidor é considerado normal para a época, ainda que afetado pela indefinição quanto à área de plantio do trigo, com perspectiva de redução da ordem de 40% em face do preço mínimo concedido.

FINANCIAMENTO

A política de crédito rural em relação ao custeio da safra 78/79 ainda não está totalmente definida. Especificamente em relação à triticultura, de interesse imediato para o setor, o percentual para crédito de custeio variará de 60 a 70%, conforme o montante individual de cada financiamento. O volume total de recursos que será posto em disponibilidade ao mercado de fertilizantes é estimado em Cr$ 30 bilhões.

PREÇOS

Os preços dos fertilizantes permanecem os mesmos estabelecidos em fev./77, com a correção mensal de 2% permitida pelo CIP, a partir de 30 de junho de 1977. Nessa área, há reivindicação classista para alteração da sistemática de controle atual, no sentido de que seja a nível industrial e não a nível de produtor.

CONTINGENCIAMENTO

Em relação à logística industrial do setor, foram estabelecidos os níveis de contingenciamento regionais, a saber: Nordeste – nitrogenados: para cada 1,0 t de N adquirido internamente é permitido importar 1,3 t; fosfatado solúvel – livre. Centro-Sul – nitrogenados: contingenciamento de 1,0: 1,6; fosfatado solúvel: contingenciamento de 1,0: 0,20. Quanto ao contingenciamento da rocha fosfática natural, há comentário mais adiante.

FERTILIZANTES FOSFATADOS

NECESSIDADE DE ESTABELECIMENTO PRÉVIO DE POLÍTICA REGULADORA

Há anos que, rotineiramente, o setor reivindica o estabelecimento prévio de uma política abrangente reguladora do mercado interno de fertilizantes, de tal modo que a produção e comercialização desse insumo básico inaugurem e terminem um mesmo exercício sob a égide das mesmas normas.

Essa rotina reivindicatória, contudo, deverá repetir-se por mais uma temporada, uma vez que 1978 entra no segundo trimestre com decisões de vulto a serem tomadas, principalmente aquelas relacionadas à logística de matéria-prima fosfatada destinada às indústrias de fertilizantes.

CONTINGENCIAMENTO NÃO CORRIGE DISTORÇÕES

A defasagem de preços entre o produto importado e o similar nacional que, teoricamente, o contingenciamento – importação de 800 kg para cada tonelada comprada internamente – deveria corrigir em termos de custos industriais internos, tem provocado algumas distorções em face da impossibilidade de as regiões Sul e Nordeste consumirem o concentrado nacional produzido em Minas Gerais, em virtude do frete proibitivo. Além disso, o direito de importação, endossável uma única vez pela indústria adquirente da matéria-prima, e gerável pelas empresas produtoras (Arafertil, Serrana, Fosfertil e Epamig), encontra-se na atualidade, em sua maior parte, em poder da Quimbrasil, que pertence ao mesmo grupo da Serrana e da Arafertil. Isto se deve aos seguintes pontos: 1) a produção da Serrana é cativa do grupo, o que franqueia à Quimbrasil direitos de importação comercializáveis com despesas mínimas de transporte, devido à proximidade das empresas; 2) pequena produção da Fosfertil; 3) partidas da Arafertil são de transação recente no mercado.

REEMBOLSO DE FRETE – SOLUÇÃO EQUÂNIME

Como alternativa saneadora da questão, os Sindicatos das Indústrias de Adubos de São Paulo e do Rio Grande do Sul, juntamente com o Sindicato das Indústrias de Matéria-Prima de São Paulo, encaminharam representação ao Governo federal, solicitando reeembolso das despesas de frete das indústrias de fertilizantes na aquisição de concentrado fosfático produzido em Minas Gerais. Na verdade, esse pleito se baseia em estudo anterior elaborado pelo Grupo Executivo de Abastecimento de Fertilizantes (GEAF) e que consubstanciava proposta idêntica à reivindicação atual.

JUROS SUBSIDIADOS – FONTE DE RECURSOS PARA O REEMBOLSO

O impasse para a concessão da medida que resultará em real equalização dos custos de fabricação de fertilizantes em todo território nacional estaria na identificação da fonte que irá arcar com os subsídios em questão (estimados em Cr$ 200 milhões em 1978), de modo a não se constituir em novo vasamento do apertado esquema financeiro do orçamento federal.

A abertura para o impasse estaria embutida na própria política de crédito ao setor (juros zero ao agricultor para aquisição de fertilizantes) e pode ser visualizada da seguinte forma: 1) a concessão do subsídio implicaria um compromisso de repasse ao preço final do produto; 2) esse compromisso, além de significar ajuda indireta (mas ponderável no combate à inflação), seria absorvido pelo não-aumento do ônus financeiro dos juros subsidiados que, no caso de fertilizantes fosfatados, será da ordem de Cr$ 2,25 bilhões, em 1978.

O resultado final contribuiria para que fosse atingido o objetivo de reduzir as discrepâncias dos custos industriais, fazendo com que, no campo mercadológico, todas empresas dispusessem das mesmas armas de competição.

A AUTO-SUFICIÊNCIA AFLORARÁ MAIS AINDA O PROBLEMA DE TRANSPORTES

Na verdade, a medida em si resolverá a questão, a curto prazo, de vez que remanesceriam os problemas de transporte das matérias-primas para os dois pólos de consumo – Nordeste e Sul do país, tendo em vista a auto-suficiência no setor, prevista para o início da próxima década. A consecução dessa meta demandaria, assim, o estabelecimento de um sistema racional de transporte em que a opção atual – rodovia – fosse apenas subsidiária, ou a agilização dos estudos sobre a viabilidade da exploração de jazidas estrategicamente localizadas mais próximas dos pólos mencionados. A jazida de Anitápolis (SC) e a recentemente descoberta em Itambé (BA) mereceriam esse tipo de enfoque.

Comentários

CAFÉ

PREÇOS EM ASCENSÃO.

As cotações internacionais do café vêm obtendo leve recuperação, que se iniciou na segunda quinzena de março. Tal recuperação, no entanto, revela-se ainda incapaz de compensar as reduções sofridas no decorrer de fevereiro. Não obstante ser ainda bastante exíguo o período de tempo no qual a tendência altista perdura, tal reversão assume importância maior, em virtude da conjuntura baixista que vínhamos atravessando. Este quadro se configurava com anúncios de redução de consumo nos principais mercados do produto, insatisfação de produtores, e a clara e generalizada expectativa de que ainda não se havia atingido o *fundo do poço*, demonstrada pela continuação da política de compra, *da mão para a boca*, dos países consumidores.

O PORQUÊ DA ELEVAÇÃO.

A elevação das cotações, ocorrida em março, é explicada pela insistência dos países centro-americanos, em privar o mercado internacional do café daquela origem, e pelas especulações em torno de uma possível modificação na política de descontos do IBC, prevista para 31/03, quando a autarquia anunciaria os novos preços de registro para exportação.

DESCONTOS SÃO PREVISÍVEIS.

A referida política de descontos, que na verdade responde por parcela substancial dos aumentos do volume de café exportado no decorrer do primeiro trimestre deste ano, permite que se preveja, com suficiente precisão, o dia em que os descontos serão maiores. Isso é possível em virtude de ser o desconto calculado pela diferença entre o preço de registro de exportação de café brasileiro, e a média dos preços indicativos da OIC relativos a cafés de outras origens, verificada na antevéspera. A possibilidade de manipulação que tal sistemática permite, viria a ser, segundo a crença da época, a *causa mortis* da fórmula pela qual se determinam ainda hoje os efetivos preços de venda do café brasileiro.

NOVO FATOR ALTISTA.

A frustração da expectativa de alteração da política de descontos deveria exercer, portanto, efeito depreciador sobre os preços praticados no mês seguinte. Entretanto, surgiu um novo fator altista, que se mostrou capaz de reverter a tendência baixista que deveria acontecer: a movimentação da cafeicultura nacional, objetivando uma série de favores governamentais, que, atendidos em sua totalidade, poderiam resultar em substancial redução da oferta brasileira.

PREÇO DE GARANTIA AUMENTADO EM 100%.

Como é sabido, a principal reivindicação dos cafeicultores – o IBC comprar café a Cr$ 3.000,00 a saca – não foi atendida. Tal fato, porém, não anula por completo os reflexos altistas da concessão das restantes medidas de apoio, difundidos por diversos subsetores da cafeicultura nacional. Sem dúvida, não é desprezível a repercussão sobre os preços internacionais, da elevação de 100% do preço de garantia, embora se compreenda internamente que tal elevação foi, em grande proporção, deprimida pela redução do percentual de financiamento por saca do produto.

AÇÚCAR

QUADRO BAIXISTA ACENTUADO PELAS

No momento em que os mecanismos do Acordo Internacional do Açúcar (AIA) ficam comprometidos pelos atuais excedentes mundiais e se generaliza uma descrença na sua

Comentários

DISCUSSÕES DE MEDIDAS NORTE-AMERICANOS.

efetivação, um quadro baixista se delineia. Comprometendo mais ainda este panorama, os EUA, maiores importadores líquidos mundiais de açúcar, estudam através da International Trade Comission (ITC) o impacto de suas importações de açúcar sobre o sistema agrícola e agroindustrial açucareiro interno. Entre as medidas aventadas, a ITC discute a possibilidade de aumento das tarifas incidentes sobre o produto, com a utilização do mecanismo de quotas, somente se o preço cair abaixo de US¢ 7,30. Outra medida seria a imposição de quotas diferenciadas por países.

EFEITOS DESTAS MEDIDAS.

Os efeitos destas medidas são nitidamente depressivos sobre os preços internacionais e altistas sobre o preço interno norte-americano. Das duas alternativas, a imposição do regime de quotas redundaria em maior impacto, pela limitação efetiva do volume físico a ser importado.

Para atender às reivindicações dos produtores norte-americanos – sustentação de preços – o total da quota de importações teria que se situar entre 4,5 e 4,7 milhões de t. Este volume alçaria os preços internos, como desejam os produtores norte-americanos, a US¢ 20 ou 30/lb – mas traria problemas de custos aos seus refinadores de açúcar. Já os exportadores mundiais veriam a deterioração dos preços (que poderiam chegar a US¢ 6) pela restrição de venda de seu produto.

TARIFAS MENOS ONEROSAS QUE QUOTAS.

Na primeira hipótese, apesar de os países exportadores verem suas receitas cambiais drasticamente reduzidas com o aumento das tarifas, restar-lhes-ia o conforto de poderem escoar sua produção, não contribuindo desta maneira para um aumento nos já abarrotados estoques mundiais.

A adoção pelos EUA de qualquer uma destas medidas restritivas, apesar de permitidas pelo Acordo, levaria à sua descrença.

REMOTA, A RECUPERAÇÃO DE PREÇOS A MÉDIO PRAZO.

Contrabalançando a situação, as condições meteorológicas favoráveis do ano passado para as áreas de produção, dificilmente se repetirão este ano e haverá uma demanda maior, por parte dos refinadores americanos, até serem impostas as medidas restritivas.

Frente a este quadro, uma recuperação dos preços a médio prazo não parece configurar-se.

TRIGO

PROSSEGUE A BUSCA DA AUTO-SUFICIÊNCIA?

• Terão razão as vozes que manifestam sua incredibilidade em relação ao prosseguimento do amparo governamental à triticultura, na busca dos caminhos da auto-suficiência? Esta postura cética tem como destaque o baixo preço de garantia fixado pelo governo para a safra de 1978.

O desenrolar das medidas tomadas pelo Governo federal, a partir do momento em que se delineou uma nova frustração na lavoura do trigo, indicou senão um pleno comprometimento com as metas do Plano de Auto-Suficiência, pelo menos o reconhecimento da importância de um produto cujo consumo em nosso mercado alcança 6,5 Mt.

Comentários

A Circular nº 370, do Banco Central, prorrogando o pagamento das dívidas dos triticultores e a fixação de uma faixa única de 60% para o financiamento de custeio da lavoura do trigo buscaram aliviar a apertada situação dos plantadores.

A IMPORTÂNCIA DO PROJETO.

A importância da persistência na trilha da autonomia no trigo não pode ser esquecida, justamente quando através de pagamentos e incentivos para a redução dos trigais, os países exportadores pretendem promover uma elevação das cotações internacionais do cereal. É necessária a lembrança de que, em 1973, durante a escassez mundial de alimentos, os preços internacionais do trigo alcançaram níveis tão elevados que o produto brasileiro chegou a custar menos do que o importado (US$ 122,43/t, contra 123,99, à taxa média de câmbio daquele ano).

O BRASIL E O ACORDO INTERNACIONAL DO TRIGO.

O posicionamento do Brasil no foro de Genebra, manifestando-se contra a proposta norte-americana, que envolvia o ajustamento das políticas internas para o trigo às necessidades da formação de estoques mundiais, coloca nas mãos dos triticultores brasileiros o direito a uma cobrança de coerência.

Desta forma, paralelamente à atuação da delegação brasileira nas conversações para a substituição do antigo Acordo Internacional do Trigo, seria de esperar a adoção de uma inequívoca política tritícola no país. O andamento das discussões prosseguirá, com a criação de um comitê intermediário composto por 12 membros (Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, CEE, Egito, EUA, Finlândia, Índia, Japão, Quênia e URSS) com o fim de elaborar um esboço de texto para o novo Acordo — a ser apresentado a um desdobramento da Conferência de Genebra, em setembro — e permitirá ao Brasil a reiteração de suas opiniões anteriormente manifestadas. Será, novamente, ratificada a opção de redução da dependência do fornecimento externo, posição cautelosa, adotada a partir da experiência acumulada com a manipulação da oferta mundial de trigo.

NADA DE NOVO EM GENEBRA.

Em relação à Conferência, seu fracasso era esperado e a extensão do pacto de 1971 por mais um ano apresenta-se como indicador da impossibilidade da criação de um documento de base econômica e caráter executivo para a regência do comércio internacional do trigo, devido à dificuldade de conciliação de interesses divergentes.

ASPECTO POSITIVO DA CONFERÊNCIA.

De positivo das negociações, apenas as modificações na ajuda alimentar aos países pobres, à qual, aproximando-se da periferia das declarações de boas intenções, os exportadores acertaram a cessão anual de 10 milhões de t de trigo e outros grãos para o consumo humano (4,5 milhões de t já prometidas pelo EUA e 750 mil t, pelo Canadá) enquanto, atualmente, têm esta destinação 4,2 milhões de t.

FUTURO DO MERCADO RECOMENDA CAUTELA.

Se a inocuidade das conversações refletiu-se na inexistência de qualquer influência sobre as cotações internacionais do produto — cuja atual recuperação fundamentou-se, no acompanhamento da decolagem do complexo da soja — os planos dos exportadores para a valorização do cereal serão efetivados em breve, recomendando aos importadores dedicação e realismo na condução de suas políticas tritícolas.

Comentários

MILHO

DESVALORIZAÇÃO DO DÓLAR E OS PREÇOS DO MILHO.

Após relativa estabilidade nos meses de janeiro e fevereiro, os preços do milho na Bolsa de Chicago começaram a se elevar. Esta ascensão das cotações deveu-se principalmente às fortes demandas interna e externa, respaldando-se também no déficit comercial norte-americano que motivou a desvalorização do dólar e, conseqüentemente, a ampliação da demanda internacional por *commodities*.

Constata-se também, nesse período, a significativa aderência das cotações do produto à evolução dos preços do complexo soja, que geralmente influencia sobremaneira os preços dos grãos forrageiros.

PREÇOS INTERNACIONAIS FIRMES NOS PRÓXIMOS MESES.

O mercado internacional do milho nos próximos meses estará condicionado, entre outros fatores, à reação dos agricultores norte-americanos à política do Governo, de redução e diversificação da área plantada.

Em relação à opção de plantio, o excesso de chuvas em boa parte dos estados do *Corn Belt*, ao atrasar o plantio da gramínea, poderá favorecer a ampliação da área de soja. Isto se explica pelo fato de o milho plantado em maio, naquela região, normalmente apresentar redução em sua produtividade, em conseqüência de um menor período de maturação, o que não acontece com a leguminosa. Além dessa influência de ordem climática, favorável à ampliação da área de soja, acrescente-se o preço relativo soja/milho atual de 2.73, acima do ponto de indiferença entre plantar soja ou milho nos EUA.

Pelo exposto, a se configurar maior redução na área de milho, pode-se esperar que seus preços internacionais mantenham-se firmes durante os próximos meses.

PREÇOS INTERNOS NOVAMENTE AQUECIDOS.

No Brasil, a partir de meados de fevereiro, os preços voltaram a aquecer-se, na medida em que os efeitos da redução da área plantada e da longa estiagem faziam baixar ainda mais as estimativas da safra brasileira do cereal.

PROGRAMAÇÃO ESPECIAL DEVERÁ ARREFECER OS PREÇOS.

O impacto da entrada iminente do grosso da safra atual (apesar de eventual retenção especulativa), aliado à programação da CFP de lançamentos sistemáticos de lotes de milho na Bolsa de Cereais de São Paulo e de atendimento direto a cooperativas, serão fatores de arrefecimento dos preços de mercado nas próximas semanas. No entanto, em face da própria conjuntura de aperto na oferta do cereal, não se deve esperar queda sensível de preços.

IMPORTAÇÃO E POLÍTICA PARA O SETOR.

A respeito do abastecimento interno durante a próxima entressafra, convém enfatizar a necessidade de agilização das compras no mercado externo, visando a formação de um estoque mínimo de 500 mil toneladas ao longo do ano. Evidentemente, possíveis estrangulamentos na infra-estrutura portuária e de armazenagem, poderão fazer com que as importações brasileiras se prolonguem pelo segundo semestre. Neste caso, contudo, a sistemática de liberação dos estoques governamentais deverá ser efetuada com cautela, a fim de que o plantio para a safra 78/79 não venha a ser desestimulado.

Comentários

Às autoridades governamentais cabe a adequação de um programa de estímulos ao setor, via preços mínimos e créditos, além de uma política realista de estoques reguladores que possam devolver ao país a sua posição de exportador líquido de milho.

SOJA

ESTIMATIVAS DESCOMPASSADAS GERARAM DÚVIDAS NO EXTERIOR.

Assiste-se, no momento, a uma nova controvérsia na imprensa e nos meios comerciais de *commodities* no exterior: a credibilidade das estatísticas divulgadas por fontes brasileiras, referentes à colheita da soja de 1978. A aceitação ou não da veracidade das previsões derivadas dos levantamentos efetuados por esses órgãos espelhava-se em maior ou menor influência sobre os preços do complexo.

As sucessivas manifestações de instituições do país, em total descompasso, contribuíram para que os recebedores de informações no exterior reagissem de modo compatível com suas próprias conveniências.

Assim, a princípio, negava-se que a escassez de boas sementes no Brasil viesse a prejudicar o rendimento da colheita; depois, consideraram-se acontecimentos esparsos e pouco significativos o mal desenvolvimento de plantas e o florescimento antecipado. Definida a situação de quebra pela extrema irregularidade pluviométrica, as notícias sobre a redução da safra foram sistematicamente refutadas.

EXPECTATIVA DE NOVA REDUÇÃO FRUSTRAÇÃO, EM 28/3.

Nos meios comerciais internacionais, no entanto, pelo desejo de recuperação de mercado — semi-estagnado devido à grande oferta norte-americana — repercutiam intensamente as avaliações cada vez menores da safra brasileira. Isto prosseguiu até a reunião da CACEX, de 28/3, quando o Subcomitê Técnico da Soja decidiu manter o intervalo entre 9,2 e 9,8 milhões de t, adotado anteriormente. A expectativa de prosseguimento da redução, normal em pleno processo de colheita, frustrou-se, acarretando um recuo nas cotações do complexo, em Chicago.

PESSIMISMO OU REALISMO?

Aceitando acompanhamentos de colheita considerados *pessimistas*, a CACEX antecipava-se aos demais avaliadores. Contudo, o limite inferior de 9,2 milhões de t por ela admitido baseava-se, tão-somente, numa diminuição da produção gaúcha, de cerca de 600 mil t, incorporadas ao limite superior de 9,8 milhões de t. Vale dizer, foram mantidas as estimativas para os demais estados produtores, pela possibilidade de recuperação das variedades de ciclo longo e pela esperança de melhor produtividade em Mato Grosso, São Paulo e Santa Catarina.

GRADUAL CONFIRMAÇÃO DE MENOR COLHEITA.

Atualmente, com mais de 50% da área plantada do Rio Grande do Sul já colhidos, os resultados endossam a previsão da quebra, aproximando o volume esperado da colheita das 4,2 milhões de t, o que representa uma diminuição de 600 mil t em relação ao cálculo de 4,8 milhões de t incorporado ao limite maior da faixa mantida pela CACEX. Persistindo os resultados até agora obtidos, na etapa final da colheita gaúcha, seu volume deverá ser ainda um pouco reduzido.

No entanto, nos demais estados, as alvíssaras acabaram não acontecendo e o Departa-

mento Geral de Comercialização do Trigo Nacional — cuja eficiente estrutura de campo forneceu, em momentos diferentes, os valores adotados como referenciais pela CACEX — efetuou, em 29/3, uma revisão do número estimado para a colheita de Mato Grosso. Deste modo, chegou-se a novo cálculo para a safra brasileira: 9,065 milhões de t que comporão, possivelmente, o novo limite inferior da CACEX.

A nível de mercado internacional, por ser hoje inegavelmente o grande fundamento das oscilações do complexo da soja — visto que mantém elevadas as exportações e o esmagamento norte-americanos — a safra brasileira foi a responsável por nova recuperação dos preços internacionais da soja, com a avaliação das estimativas da CFP, em 6/4. Passando a considerar uma colheita entre 9,3 e 9,7 milhões de t, a CFP inseriu-a no intervalo atualmente admitido pela CACEX.

NUVENS NEGRAS TEMPORARIAMENTE AFASTADAS.

Qualquer que seja o volume real da produção brasileira, o horizonte sombrio atribuído ao mercado mundial da soja foi abalado. A quebra da produção brasileira terá repercussões no futuro, que influirão no mercado mundial, a despeito da expansão da leguminosa nos EUA. Embora sejam prematuras as especulações sobre as próximas safras do Brasil, parece certo o aparecimento de limitações ao avanço da sojicultura. O principal impedimento pode ser visualizado desde agora, na quantidade e, principalmente, na qualidade das sementes.

GRANDES OFERTAS INFLUENCIARÃO O FUTURO.

Parece bastante improvável a substituição do plantio da soja pelo de outras culturas. Ao contrário da Argentina, nossos produtores não têm demonstrado, até o momento, maior interesse pela troca pelo milho, ou pelo sorgo — culturas de menor rentabilidade. Para os próximos anos, no entanto, caso o clima não proporcione surpresas, os fazendeiros norte-americanos poderão manter os acréscimos nas áreas de soja, o que impedirá variações espetaculares nos preços da leguminosa e repercutirá em nosso meio agrícola.

RECONVERSÃO: OPÇÃO PARA UM FUTURO MERCADO DEPRIMIDO?

No Brasil, então, o reflexo do ciclo pecuário, conseqüência dos abates de matrizes a taxas maiores do que as normais, nos dois últimos anos (considerando-se normal uma taxa de 20%, afigura-se excessiva a taxa do biênio: 40%) poderá implicar uma reconversão dos campos de soja em pastagens, ao menos em áreas pecuaristas tradicionais como o Rio Grande do Sul. Será, evidentemente, um processo lento, pois não há possibilidade, nos próximos dois anos, de expansão da fronteira pecuária, pela pequena oferta de novilhos para reposição nos pastos deixados vazios pelo boi gordo abatido.

A sondagem do futuro é sempre incerta, mas a recomposição orgânica de suas características começa a ser definida hoje.

PECUÁRIA

O NOVO PREÇO.

A decisão quanto ao valor do reajuste anual do preço do leite situou-se em 30% — ponto médio entre as sugestões dos dois ministérios diretamente envolvidos na questão. Quanto ao início de vigência do novo preço, resolveu-se dividi-lo em duas parcelas: 18,75% a partir de 25/4 e 11,25% em 1/7. No entanto, o aumento efetivamente con-

cedido resulta inferior a 30%, na medida em que a segunda parcela (11,25%) será corroída pela inflação dos meses maio e julho.

BAIXOS PREÇOS INTERNACIONAIS.

Mais uma vez, o reajuste não atenderá às reais necessidades do produtor. Os baixos preços internacionais do leite em pó permitem maior flexibilidade às áreas de decisão, uma vez que qualquer entrave eventual ao abastecimento poderá vir a ser contornado por importações.

INFLUÊNCIA DOS ESTOQUES DA CEE.

A timidez com que foi implementado o plano de estocagem de leite em pó no país pode ser explicada pelos estoques abundantes da CEE. Estes estoques internacionais respondem em grande parte pelas baixas cotações do produto. A nível nacional, o pequeno estoque formado não aproveitou eficientemente os excedentes da safra que se encerra e poderão, no máximo, influir positivamente sobre as eventuais importações futuras. Restam, portanto, duas considerações sobre os efeitos do novo preço, com relação ao mercado interno.

CONVERSÃO LEITE–CARNE.

As crescentes cotações conseguidas domesticamente pela carne, tendência esta que deverá persistir por mais tempo, podem induzir a um maior desvio da produção de leite para nutrir bezerros, futuros bois gordos. Segundo trabalho da CEPA-MG, o rebanho misto tem na região Sudeste, tanta expressão quanto o rebanho tipicamente leiteiro (25,8% e 24,6% respectivamente), diferenciando-se pelas suas taxas de crescimento: para a pecuária mista, no período 70/76 esta foi de 0,35% contra um crescimento negativo para pecuária leiteira (-1,36%) para o mesmo período. Dada a expressão do rebanho misto e o bom preço da carne bovina é de esperar maior conversão leite–carne.

MARGEM DE INTERMEDIAÇÃO.

Quanto ao beneficiamento do leite, a insatisfação do setor industrial com o reajuste da intermediação poderá resultar em aumento da utilização da matéria-prima para outros fins mais lucrativos. A convivência, na área industrial, de vários produtos oriundos de uma única matéria-prima permite que a orientação da produção siga definida em função da intensidade com que é exercido o controle de preços sobre cada produto específico. Pode-se esperar, portanto, que o setor se dirija para segmentos que não o leite tipo C tabelado.

Também colaboraram neste número os seguintes estagiários:

Irene Freire Raguenet
Sônia Uderman
Lauro Flávio Vieira de Faria
Rogério Carneiro Campello
Pedro Henrique Junqueira Reis
Jorge Batista Torres

Revisão de Originais: César Romero Garcia

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Entidade de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, instituída em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, visando ao estudo dos problemas de organização racional do trabalho, especialmente nos seus aspectos administrativos e social, e à conformidade de seus métodos às condições do meio brasileiro.

Sede: Praia de Botafogo, 190 – Caixa Postal: 9.052 – ZC-02
Tel: 266-1512
CEP: 20.000 – Rio de Janeiro – RJ

CONSELHO DIRETOR
Presidente: Luiz Simões Lopes
Vice-Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Membros: Alberto Sá Souza de Brito Pereira, Carlos Medeiros Silva, Eugenio Gudin, José Joaquim de Sá Freire Alvim, Isaac Kerstenetzky e Octávio Gouvêa de Bulhões.

CONSELHO CURADOR
Presidente: Maurício Nabuco
Vice-Presidente: Alberto Pires Amarante
Membros: Aldo Batista Franco, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Antônio Garcia de Miranda Netto, Antônio Ribeiro França Filho, Apolônio Jorge de Faria Salles, Celso Timponi, Cesar Reis de Cantanhede e Almeida. Estado de São Paulo – representado por: Murilo Macedo, Francisco Montojos, Heitor Campello Duarte, Henrique Domingos Ribeiro Barbosa, João Carlos Vital, Joaquim Bertino de Moraes Carvalho, José de Nazaré Teixeira Dias, Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira, Paulo de Tarso Leal, Rafael da Silva Xavier, Rubens D'Almada Horta Porto e Theodoro Arthou.

Presidente: Luiz Simões Lopes
Superintendente Geral: Roberto Hermeto Corrêa da Costa

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

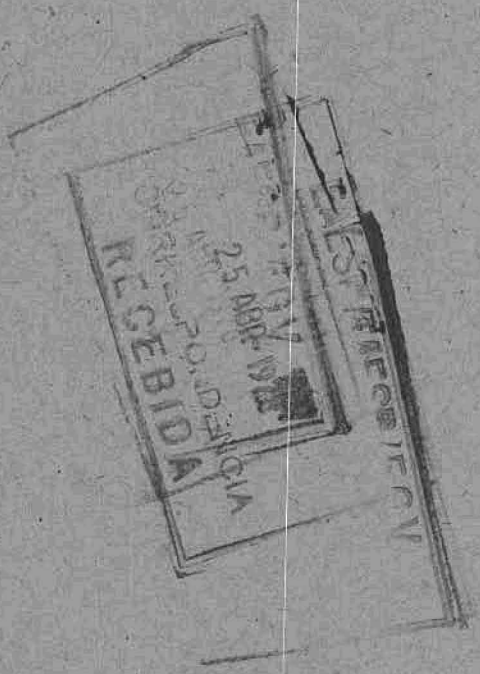
COMISSÃO DIRETORA
Presidente: Octávio Gouvêa de Bulhões
Membros: Eugenio Gudin, Angelo Jorge de Souza, Janes Angelo de Souza, Julian Magalhães Chacel e Mário Henrique Simonsen.
Assessor de Direção: Jorge Kingston

DEPARTAMENTO DE ENSINO
Diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia: Carlos Geraldo Langoni

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Diretor: Julian Magalhães Chacel

Divisão de Contabilidade Social
Diretor: Angelo Jorge de Souza
Centro de Contas Nacionais – Ralph Miguel Zerkowski
Centro de Estudos Fiscais – Margaret Hanson Costa
Centro de Estudos Industriais – Eden Gonçalves de Oliveira

Divisão de Estatística e Econometria
Diretor: Janes Angelo de Souza
Centro de Estudos Agrícolas – Silvio Wanick Ribeiro
Centro de Estatística Econômica – Roberto Maia de C. Abib
Centro de Processamento de Dados – Eugenio Decourt



Não sendo encontrado o destinatário, devolver ao
GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
Av. Gomes Freire, 647 — 10º andar
ZC-58 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL